

4 As Heranças da Experiência

Os filhos de exilados são reconhecidos nesta dissertação como *Herdeiros do Exílio*, e com isso pretendi explorar, ao longo do trabalho, o fato da experiência de exílio ter sido vivida a partir de uma relação de parentesco e não de uma escolha política. Muito já foi exposto sobre este ponto, mas esta questão traz uma nova pergunta: o que herdaram os filhos de exilados? Qual foi a herança que receberam a partir desta vivência? Este capítulo tentará responder a essas duas perguntas.

A dificuldade em esclarecer no que consiste a herança do exílio pode ser identificada pelo fato da experiência não ter sido uniforme. Dificilmente pode-se fazer um balanço unívoco do exílio brasileiro. Por ser plural e diverso ele pôde ser visto ao mesmo tempo como uma derrota e uma vitória, uma perda e um ganho, uma desilusão e um encantamento. A permanência de uma ambigüidade, e de contradições, na experiência compõe a sua dupla face, tal como destacam Ana Maria Araújo e Ana Vasquez¹. Esta marca do exílio pode ser apreendida a partir dos relatos dos ex-exilados, e parece compor igualmente a vivência das crianças, que apesar da pouca idade na época, passaram por episódios que apresentavam as dificuldades, as contradições e os conflitos da vida no exílio.

O estudo das memórias dos filhos de exilados tem dois objetivos principais neste trabalho. Além de possibilitar a verificação dos elementos que compuseram suas experiências de exilados, tornam possível também pensar na investigação dos atributos desta geração. Com isto pretende-se explorar de que maneira o exílio influenciou suas trajetórias, e o que foi absorvido desta vivência.

¹ Ana VASQUEZ e Ana Maria ARAUJO. *Op. Cit.*

Durante o desenvolvimento desta dissertação, e especialmente com as entrevistas realizadas, destacou-se uma característica importante na vivência do exílio. Apesar de uma experiência política, o exílio consistiu-se, ao mesmo tempo, em uma experiência subjetiva e individual. Isso traz um enriquecimento para a temática, mas também uma dificuldade para a análise que procura pensar na possibilidade de construção de uma memória coletiva.

Para atingir o objetivo deste capítulo, e conseqüentemente desta pesquisa, a discussão sobre as características e referências desta geração torna-se pertinente, da mesma forma que uma análise sobre a geração de seus pais é coerente, já que a todo o momento lidamos com as duas experiências. As particularidades dessas gerações serão tratadas aqui como parte da *cultura política* de cada uma delas.

4.1 Cultura Política

O historiador francês Serge Berstein atribui uma particular atenção a este conceito e reflete sobre sua importância para a historiografia. Isto porque, segundo o autor, a *cultura política* ocupa um lugar particular nos estudos sobre fenômenos culturais nas sociedades:

“Ela é apenas um dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos atos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade. Todos os elementos respeitantes ao ser profundo, que variam em função da sociedade em que são elaborados e que permitem perceber melhor as razões de atos políticos que surgem, pelo contrário, como epifenômenos².”

Diante de episódios históricos que apresentam situações de crises e conflitos sociais, respostas e medidas políticas são necessárias, o que desencadeia a ação de um grupo ou de uma considerável parte da sociedade. O que Berstein pretende investigar é o que leva um certo grupo de indivíduos a agir de uma maneira e não de outra? O que faz com que adotem esta e não aquela diretriz ideológica? Essas são questões relacionadas à cultura política, e

² Serge BERSTEIN. A Cultura Política. In *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 363.

investigá-la significa olhar mais de perto os acontecimentos que desencadeiam transformações sociais e culturais nas sociedades.

Como surge então a cultura política? Por que ela existe? Este processo não é acidental e ocasional. Faz parte de uma construção racional, elaborada a partir de idéias e ideais partilhados por um grupo de pessoas. “Corresponde às respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises da sua história, respostas com fundamento bastante para que se inscrevam na duração e atravessem as gerações”³:

“A Revolução Industrial do século XIX fará nascer o socialismo e o seu antagonista, o liberalismo conservador, enquanto as profundas transformações das técnicas e dos modos de vida dos anos de 1875 a 1890 permitirão a expansão das correntes apoiadas na democracia direta das massas que, de futuro, estarão integradas no jogo político que o nacionalismo e o socialismo renovado do fim do século XIX constituem. As dificuldades de adaptação da religião católica ao mundo moderno estão na origem da cultura democrata-cristã. É a grande crise nacional de 1940-1945 que dá oportunidade ao gaullismo, etc.”⁴

A partir desses exemplos que o autor expõe podemos entender como surge a cultura política, e de que forma ela pode servir a um determinado grupo social. O processo do qual ela se alimenta e amadurece é plural e também evolutivo. Vejamos como isto acontece.

Berstein pergunta em um determinado momento de sua análise: *cultura ou culturas políticas?* De acordo com o autor os historiadores sabem que no interior de uma nação existe uma pluralidade de culturas políticas, mas com o que ele denomina “*zonas de abrangência que correspondem à área dos valores partilhados*”⁵.

“Se, num determinado momento da história, essa área de valores partilhados se mostra muito ampla, temos então uma cultura política dominante que reflete pouco ou muito a maior parte das outras culturas políticas contemporâneas”⁶.

Como exemplo, ele utiliza a cultura política republicana, que desempenhou um papel dominante no primeiro terço do século XX. Por mais que fosse a dominante, ao lado dela estavam outras culturas políticas, cujas referências e visões de futuro não tinham nada em comum com ela. Berstein se refere às culturas políticas socialista, nacionalista, e

³ Idem, Ibidem. p. 355.

⁴ Idem, Ibidem. p. 355.

⁵ Idem, Ibidem. p. 354.

⁶ Idem, Ibidem. p. 354.

católica, que coexistiam e ainda assim mantinham alguns dos princípios republicanos, mesmo quando antagônicas a ele.

“Esta osmose entre culturas políticas muito afastadas na origem implica que, longe de constituir um dado fixo, sinônimo de tradição política, estejamos em presença de um fenômeno evolutivo que corresponde a um dado momento da história e de que se pode identificar a evolução do tempo.”⁷

Ao examinarmos mais de perto a cultura política dos militantes da esquerda brasileira dos anos sessenta e setenta, podemos dizer que estava inserida na cultura política socialista, à qual Berstein se refere, fundamentada nas primeiras décadas do século XX. Refletia as idéias clássicas do pensamento socialista, tendo como referências principais as teorias de Marx e Lenin, e a prática política aplicada em partidos de esquerda.

Acredito ser coerente afirmar que esta era a cultura política dominante, mas como apontou Berstein, havia culturas políticas que se somavam a esta. Desde a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, encontramos o quadro da esquerda em constante mudança, e organizações e facções políticas surgiram com alguma frequência. Fundadas geralmente por conta de *rachas* e desavenças internas, divergiam na forma como enxergavam a construção da luta socialista no Brasil, e com isso incorporavam novas idéias e outros pensadores. Mesmo que parecessem muito similares em suas propostas e formas de atuação, a partir de 1968 as divergências foram mais acentuadas.

Após analisar como e por que surgiram esses núcleos políticos, Daniel Aarão Reis concluiu que no período de 1961 a 1964, embora diferentes, os pontos comuns eram bem perceptíveis, e não foram suficientes para dar a cada uma sua própria identidade⁸. Como exemplo significativo o autor cita a tríade comunista mais expressiva entre 1961 a 1964: PCB, POLOP e PC do B. A corrente marxista-leninista dominava esses grupos, mas os dois últimos discordavam das práticas e doutrinas do PCB. A POLOP incorporou à sua ideologia marxista, e sua causa operária, a contribuição de outros teóricos como Rosa Luxemburgo e Talheimer, do Partido Comunista Alemão, e as idéias de Trotsky. O PC do

⁷ Idem, *Ibidem*. p. 355.

⁸ Daniel Aarão REIS. *Op. Cit.* p. 42.

B, surgido em oposição ao PCB, mantinha o viés marxista-leninista, mas não apoiava o modo como o Partido Comunista traçava suas estratégias de luta⁹.

Com algumas exceções, a variedade das organizações políticas até 1968 não era muito significativa. Muitas vezes era mais uma discórdia sobre a forma de atuação e menos uma discrepância dos valores ideológicos. A partir de 1968, o quadro político brasileiro iria se modificar, e novas tendências de atuação seriam incorporadas. A luta armada, por exemplo, ganhou expressão com a criação da ALN, influenciada diretamente pela revolução cubana e as suas táticas de guerrilha¹⁰. Com o tempo surgiram novas organizações que defendiam ações armadas como COLINA, VPR, MR-8. O movimento estudantil também recebe destaque nesse momento e se mantém enquanto uma força autônoma, porém contribuía para ações políticas, e muitos universitários aderiram à luta armada¹¹.

Como nos explica Serge Berstein a cultura política é um processo em evolução, “elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel”:

“É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento, os da evolução da conjuntura que inflecte as idéias e os temas, não podendo nenhuma cultura política sobreviver a prazo a uma contradição demasiado forte com as realidades”¹².

Uma outra questão que este conceito aborda está na sua especificidade de ser ao mesmo tempo um fenômeno individual e coletivo, o que nos leva mais uma vez à problemática das gerações. As motivações políticas de um indivíduo estão associadas a um grupo que partilha das mesmas aspirações e vivencia as mesmas experiências. Vimos com Michael Pollak que por mais individual que uma experiência possa parecer, ela estará sempre inserida em um âmbito coletivo, e com isso associação de um indivíduo a um grupo social pode acontecer¹³. Mesmo que não trate da formação de gerações e não utilize este termo para sua abordagem, o argumento de Pollak pode ser acrescido ao de Berstein, pois

⁹ Idem, *Ibidem*. Pp. 39-42.

¹⁰ Idem, *Ibidem*. p. 49.

¹¹ Idem, *Ibidem*. p. 65.

¹² Serge BERSTEIN. *Op. Cit.* p. 357.

¹³ Michael POLLAK. *Op. Cit.*

se remetem ao mesmo processo histórico e cultural: a formação de grupos sociais e o que os definem. Berstein inclusive faz uso das formulações de Jean-François Sirinelli, o mesmo autor já citado neste trabalho, para desenvolver a idéia de cultura política e a sua relação com gerações. Compartilha do argumento de Sirinelli sobre a possibilidade de estudo de um grupo social que é constituído por indivíduos de diferentes faixas etárias, mas que mesmo assim possuem uma identidade comum¹⁴.

“Se existe um domínio em que o fenômeno de geração encontra justificação plena e total, é bem este (...) Submetido à mesma conjuntura, vivendo numa sociedade com normas idênticas, tendo conhecido as mesmas crises no decorrer das quais fizeram idênticas escolhas, grupos inteiros de uma geração partilham em comum a mesma cultura política que vai depois determinar comportamentos solidários face aos novos acontecimentos”¹⁵.

O processo evolutivo que sofrem as culturas políticas contribui para que elas se mantenham vivas apesar das mudanças históricas e sociais pelas quais passa a humanidade. Berstein aponta para a crise da cultura política socialista, a partir dos anos setenta, causada principalmente pela sua falta de adaptação às transformações políticas e econômicas, o que resultou numa incoerência bastante significativa entre a teoria e a prática. Ainda baseada na leitura dogmática do marxismo, e ligada a um modelo de operariado do século XIX, a cultura política socialista não acompanhou as necessidades das sociedades evolutivas do século XX. Perdeu muito de seu prestígio e influência¹⁶.

A evolução das culturas políticas, no entanto, não depende somente da adaptação necessária que elas precisam sofrer para acompanhar as transformações de ordem política, econômica e social. “Ela depende também da influência que possam exercer as culturas políticas vizinhas, na medida que estas parecem trazer respostas baseadas nos problemas que se deparam às sociedades num dado momento de sua evolução”¹⁷. De acordo com Berstein, a crise que sofre a cultura socialista também está relacionada ao seu fechamento para outras culturas políticas, e com o tempo ela não sobrevive nem aos seus membros mais

¹⁴ Serge BERSTEIN. *Op. Cit.* Ver página 362 quando o autor utiliza o exemplo da geração dos anos vinte, pós Primeira Guerra Mundial, que repudia a cultura republicana, e conduzem suas ações de acordo com os ideais do pacifismo e do realismo. “Aristide Briand é o seu inspirador e esta corrente é ilustrada por homens como Joseph Caillaux, Pierre Laval ou Marcel Déat, que não têm de certo a mesma idade, mas que parecem ter retirado as mesmas lições das experiências vividas e que desenvolvem uma cultura política sem tabu e sem fronteiras, para uso dos sobreviventes do grande massacre”.

¹⁵ Cf. Idem, *Ibidem.* p. 361.

¹⁶ Cf. Idem, *Ibidem.* p. 358.

¹⁷ Idem, *Ibidem.* p. 358.

fiéis, responsáveis pela fundamentação de sua identidade¹⁸. Para sobreviver aos tempos, uma cultura política precisa confrontar suas bases e tradições, mas isso significa questionar teorias e práticas muito enraizadas, o que nunca é trivial.

Inseridos nesta cultura, os militantes brasileiros não poderiam deixar de sentir essa crise, que foi intensificada por alguns episódios, entre eles a experiência do exílio. Um exemplo bem expressivo está na experiência de exilados em países comunistas do Leste Europeu e na Ilha de Cuba. O desejo de conhecê-los era grande, e contribuir para a construção dessas sociedades consistia em suas metas enquanto exilados.

O contato com países comunistas mostrou uma realidade bem distinta daquela idealizada pelos brasileiros. Apesar de comprometidos com as causas e ideais desses governos, os exilados vinham de uma realidade muito diferente, e o choque foi brutal. Denise Rollemberg destaca o papel do treinamento cubano neste processo. Comprovada sua ineficiência, os brasileiros deixaram de ser mandados para a ilha de Fidel Castro, depois de ter sido diagnosticada a tentativa do governo cubano de compor uma “mitificação dos militantes” que os identificavam a “super-heróis”¹⁹. O *mito do guerrilheiro* foi sendo revisto aos poucos juntamente com muitas outras idealizações.

Como foi discutido anteriormente, o exílio fez com que os brasileiros entrassem em contato com outras culturas políticas, e muitas foram incorporadas às suas convicções. A revisão de muitas certezas foi inevitável para a maioria dos exilados, e as práticas e ideais de luta sofreram uma reavaliação.

4.2 Os Ecos de uma Cultura Política

Turbulentos e excitantes, os anos sessenta e setenta continuam a despertar interesse de estudo e de conhecimento. Mesmo para os que não participaram de seus acontecimentos, a influência de suas transformações ecoam em outras gerações. Ao lado dos movimentos e embates contra o governo militar, somava-se uma série de elementos que surgiam ao mesmo tempo, no Brasil e no mundo.

¹⁸ Idem, *Ibidem*. p. 359.

¹⁹ Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p.194.

As transformações ocorriam em diversas áreas da sociedade, e a política era apenas uma delas. Essas novas tendências demonstravam que a luta contra a ditadura abrangia outras reivindicações. Para muitos, o que estava em jogo, também, era uma luta contra o capital dominante e seu sistema excludente, contra a elite concentradora de renda, pela reforma agrária, pela soberania do país. Lutava-se também pelo respeito às mulheres no mercado de trabalho e nos lares, acreditava-se numa sociedade mais abrangente, na qual estariam incluídos os negros, os homossexuais, combatendo o racismo e a discriminação.

O Brasil parecia acompanhar e contribuir de forma autônoma para um movimento global. Aqui o Cinema Novo apresentava, em 1967, *Terra em Transe* de Glauber Rocha, na música as guitarras dissonantes dos tropicalistas mostravam um novo estilo musical, o teatro serviu de palco para a peça *Roda Viva* de Chico Buarque, e ainda havia uma mudança significativa nas roupas, nas relações afetivas, no comportamento²⁰.

A juventude tomou as ruas para mostrar seu rosto e dar vez a sua voz. Entre 1966 e 1970 eclodiram diversas manifestações estudantis por todo o Brasil. Universitários e secundaristas uniam-se nas passeatas e nos encontros estaduais, e reivindicavam seus direitos de melhorias no ensino e nas condições das escolas e universidades²¹. A luta dos estudantes no Brasil tinha um perfil muito específico, coerente com a situação política do país, mas, no entanto, não estava isolada, e vozes de outros lugares ecoavam aqui.

As inspirações vinham de longe. A guerra do Vietnã desencadeou uma série de protestos nos Estados Unidos, e o mundo pôde assistir a derrota das tropas americanas e a marca dos combates nos soldados que voltavam para casa. O Maio de 68 em Paris igualmente apresentava a força dos estudantes e da universidade na sociedade francesa. As injustas mortes de Che Guevera e de Martin Luther King Jr. acendiam a revolta e a indignação na juventude. Crescia a cada dia nos Estados Unidos o movimento das minorias representado principalmente pelos negros, mulheres, homossexuais e descendentes de latino-americanos.

Muitos ainda se identificam com esse denso e marcante período histórico, mesmo os que nasceram depois dele. As referências e o desejo de mudança que fizeram parte dos anos

²⁰ Cf. Daniel Aarão REIS FILHO. O Ano Mágico. In: _____ e Pedro de MORAES. *1968, a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. Pp. 19-20.

²¹ Cf. Idem, *Ibidem*. p. 11.

sessenta e setenta ultrapassaram sua geração, e encontraram outros jovens, de outras épocas, com vontade de vivenciar um tempo do qual não fizeram parte.

A idealização da figura do guerrilheiro, que envolveu os militantes da esquerda, parece ter influenciado alguns de seus filhos. Cresceram ouvindo histórias de assaltos a bancos, aparelhos políticos, ações armadas, ou então cresceram no exílio, onde essas histórias também eram repetidas e potenciadas pela saudade do país. Para muitos ficou a visão dos heróis que lutam pela libertação da pátria:

“Acho que a minha mãe não conseguiu me explicar que eu idealizava um mundo político que não era bem assim – lembra JC– Houve muita morte, muita traição, muita dor naquilo tudo, eu achava que eram todos unidos, fortes e bravos lutando pelo Brasil. Depois os mitos foram caindo, e eu percebi que na verdade eram todos seres humanos, com suas fraquezas e virtudes. Estava retirando aquelas pessoas do nível humano, sabe, colocando eles num pedestal. Não é bem assim”²².

Ernesto de Carvalho ganhou seu nome porque seu pai admirava Che Guevara, mas na época não podia registrar o menino *Ernesto Guevara*, um nome tão visado pela repressão. Ernesto tatuou o nome do guerrilheiro no braço, quando tinha 12 anos, mas diz que o gesto foi para seu pai, e não para o Che. Assim como seu pai quis prestar uma homenagem a um guerrilheiro, Ernesto escolheu o nome de seu filho para manter vivo o nome de outro revolucionário, seu pai: “*Meu filho se chama Henrique por que era o nome que o meu pai usava. Na época foi o nome que ele adotou, e foi uma homenagem que eu prestei a ele*”²³.

Tessa Lacerda não conviveu com o pai, e junta imagens e histórias contadas pelos amigos e familiares:

“Eu tento construir essa imagem porque eu não sei nada. Eu não sei como meu pai era. Não sei as coisas mais banais. Sei o que ele fez e sempre na minha cabeça fica uma coisa grandiosa de herói, porque afinal de contas ele morreu por um ideal, e estava disposto a isso. Fica aquela coisa gigantesca, que até me oprime um pouco”²⁴.

Mesmo para uma geração que não nasceu sob o signo da ditadura e do exílio, a imagem e a vontade de encontrar resquícius deste período ainda é muito significativa.

²² Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

²³ 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

²⁴ Idem.

Envolvida por uma época que não vivi, e da qual não tenho nenhuma ligação de parentesco, resolvi fazer uma viagem a Cuba em 2001, e realizar um sonho antigo de conhecer um país com uma história tão peculiar e inspiradora. O roteiro tinha duas etapas: a primeira ficar quinze dias na *Brigada de Solidariedade aos Amigos de Cuba*, um programa organizado pelo governo cubano para latino-americanos, que desejavam conhecer e ajudar o país. Já na segunda ficaria em Havana por conta própria, como qualquer outro turista.

Depois de três semanas na ilha, pude perceber que tentava por um lado fazer parte de uma história que não é a minha, e na qual não tive participação, mas com a qual de alguma forma me identificava. Por outro, buscava uma espécie de referencial que fizesse sentido com o que eu defendia para uma sociedade, e acreditava ser uma melhor opção para um país pobre e desigual como o nosso.

Quando se está em um país que não é dominado pela propaganda, por veículos de comunicação de massa, pelo consumo frenético, o que resta é pensar e refletir. Vividos os contrastes que Cuba oferece a todo o momento, não havia como questionar aspectos daquela e da nossa sociedade.

A pesar de não sermos cercados ali pela propaganda de produtos, havia um forte apelo ao ideal cubano de revolução, e os outdoors e jornais das cidades tentavam nos convencer que aquela ideologia ainda permanece viva. Durante o período na *Brigada* pensei muito na música de Belchior, *Como Nossos Pais*, eternizada na voz de Elis Regina, e como ela fazia sentido naquela situação. A sensação era de um mundo parado no tempo, onde os “ídeos ainda são os mesmos”, e as pessoas que amam “o passado não vêem que o novo sempre vem”²⁵. Difícil encontrar espaço para o novo e para outros referenciais. Estávamos cercados pelas frases de Che Guevara, pelas fotos de Jose Martí, acordávamos ao som de *Guantanamera* e ouvíamos *Hasta Siempre* na hora de dormir.

A tarefa do governo cubano de convencer a população do país que os tempos não mudaram pode ser encontrada da mesma forma em núcleos e partidos políticos. Acontece o mesmo no movimento estudantil brasileiro atualmente, que reproduz a prática de partidos de esquerda, e na maioria dos casos rejeitam propostas de organização diferentes. Os Diretórios Acadêmicos ou Centrais do Brasil estão em sua maioria vinculados a partidos

²⁵ ELIS REGINA. *Como Nossos Pais*. Belchior. In: _____. Coleção. Universal. Brasil, 1989. 1 CD, Faixa 1 (4 min e 39 s).

políticos, tais como PSTU, PC do B, ou associados à União da Juventude Socialista Brasileira, a UJS.

Os encontros com outras entidades políticas resultaram muitas vezes para nós do movimento estudantil da PUC, em situações de conflito e de embate de idéias. Nada de errado nisso, até mesmo necessário para a construção de um movimento, mas, no entanto as críticas não ocorriam com o intuito de fomentar as discussões políticas. Estavam voltadas para o questionamento do nosso movimento e a forma como ele se organizava. Por termos rejeitado a prática de vínculos a partidos e ao invés de cargos que geram uma hierarquia na organização interna de um diretório, optamos por uma organização horizontal, muitas vezes não éramos levados a sério. A dificuldade em aceitar propostas diferentes nesse meio político era muito grande, e com isso os rótulos surgiam: os *hippies* da Vila, a *esquerda festiva* da PUC, o DCE dos *mauricinhos*, entre outros.

O processo de crise pelo qual passou a cultura política socialista, à qual Berstein se refere, aparece presente também no movimento estudantil, que se mantém distante das transformações e mudanças que se apresentaram ao longo dos anos para as universidades e escolas do país. O vocabulário, as músicas, os *slogans*, as palavras de ordem, freqüentemente apontam para um outro tempo, onde elas faziam sentido e eram reconhecidas, mas que hoje ficam destoantes, e perdem o poder de aglutinação de forças.

Os referenciais mudaram e algumas dessas mudanças começaram já no período da ditadura. O revolucionário, por exemplo, ganhou um novo rosto com a ação das mulheres e adesão delas à luta da esquerda. Segundo Denise Rollemberg, no que diz respeito ao papel desempenhado pelas mulheres ocorreu uma modificação da primeira para a segunda geração do exílio:

“Entre as exiladas da geração de 1964, a maior parte era de mulheres que sem envolvimento político direto, viram-se constringidas ao exílio para acompanhar os maridos. É interessante notar como em tão pouco tempo, este quadro mudará. Na geração 1968, os casos de mulheres exiladas por sua própria participação política aumentaram consideravelmente”²⁶.

²⁶ Idem, *Ibidem*. p. 71.

No exílio não deixaram de lado esse viés político, e construíram suas próprias identidades políticas²⁷. As mulheres passaram a ter uma posição de destaque em ações clandestinas, e também na memória dos filhos de exilados, como relata RR:

“Meu pai fazia as coisas dele, mas a minha mãe que segurava toda a barra. Imagina, com sete filhos, saindo do país, sem saber para onde ir direito. Ela sim foi uma heroína”²⁸

Mesmo sem ter uma participação direta na política, como o marido, a mãe de RR ganha a fama de heroína na família. Telma Lucena também atribui a sua mãe o papel de heroína na história da sua família contra a ditadura: “*Herói nessa história foi minha mãe, e não o meu pai*”²⁹. A participação da mãe de JC inspirou a filha e ela sempre contou com muito orgulho o seu envolvimento com a luta armada³⁰. A mesma situação vivida por AM que apesar de ter descoberto tarde a trajetória política de sua mãe, diz ter admirado muito a sua determinação na época³¹.

Não foi somente o rosto feminino que modificou a visão do revolucionário. A própria idéia de revolucionário sofreu modificações desde os tempos da ditadura. Na cultura política da geração dos filhos de exilados a imagem do revolucionário está associada à imagem da época de seus pais, e para muitos permanece restrita àquele período. O fim da ditadura trouxe o fim de uma série de simbologias que faziam parte da cultura política da geração de seus pais. Algumas permaneceram influentes nas gerações seguintes, mas outras soam estranhas quando utilizadas nos dias atuais. Com a experiência de exílio muitos absorveram os elementos dessa cultura política, mas como ilustra Berstein, esta não é estática e imóvel, e recebe informações de outras culturas políticas, e se modifica com o tempo. ZP recebeu de seus pais, e no exílio, uma formação comunista, mas não se identifica apenas a isso, e não se resume a ser filha de quem é:

“A pergunta clássica é: como você se sente como filha de ...? Bom, sempre respondi que gostaria muito que respeitassem a minha identidade. Sinto muito orgulho de ser filha de

²⁷ Ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* Capítulo 7. e também Albertina de Oliveira COSTA, Maria Teresa MORAES, Norma MARZOLA e Valentina da Rocha LIMA (orgs). *Memórias das mulheres do exílio*. vol.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

²⁸ Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

²⁹ 15 Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

³⁰ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

³¹ Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

quem sou, mas sou uma cidadã e quero ser vista pela minha postura e meus posicionamentos. Claro que meus pais tiveram muita influência para eu ser ainda hoje comunista e acreditar numa sociedade mais justa e fraterna. Porém, isso não vem com o DNA, isso vem de formação, de educação, de auto-formação. O comunista hoje pode parecer um ser em extinção, porém não traio os meus princípios e continuarei, da forma que estiver a meu alcance, a lutar por aquilo em que acredito”³².

Uma vez que se cresce no exílio, a vida do indivíduo começa marcada por eventos políticos que poucas pessoas vivenciam. A experiência de um exílio político para uma criança influencia sua trajetória, e acrescenta algo a mais em sua história. Os que passaram por isto parecem ter consciência de que não tiveram infâncias e adolescências comuns.

Enquanto as meninas de dez anos brincavam de boneca, Mariana de Moraes gostava de vestir uma peruca loura e brincar de metralhadora, depois de ver sua mãe se fingir de louca para escapar da prisão, e ser levada para um hospital psiquiátrico. No exílio em Paris, Mariana ouviu gritos da mãe, e quando entrou no quarto encontrou-a nua, com maquiagem fingindo sangue e amarrada para a tortura, ensaiando para a cena de um filme no qual interpretava seu próprio papel. Segundo Mariana, pulavam de casa em casa em Paris:

“Moramos com uma amiga da minha mãe que tinha sido muito torturada no Brasil e vivia com a paranóia de que iam jogar alguma coisa na cabeça dela. Por isso andava de capacete. Era linda, mas não tirava aquele troço da cabeça. Um dia jogaram uma carta debaixo da porta e ela começou a gritar: ‘É uma bomba’. Trancou-nos todos no banheiro, ficamos horas lá e eu não sabia o que estava se passando”³³.

A consciência de uma vida peculiar pode ter surgido desde o início da experiência, quando mudanças de nomes, casas e países ocorriam, ou aconteceu quando o exílio foi oficialmente extinto, e a partir disto uma nova etapa de vida era iniciada, tanto para os pais quanto para os filhos. Quando chegou no Brasil no início dos anos oitenta, Adriana Nunes estranhou a presença de uma mulher que andava pela sua casa em silêncio: “*Quem é ela? Não é nossa amiga?*”, perguntava a menina. Adriana ainda não estava familiarizada com a mais “*genuína instituição brasileira*”: a empregada doméstica. Uma vez que na França uma faxineira era dona do apartamento que seu pai alugava, e na escola sua melhor amiga

³² Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

³³ Maria Cristina FERNANDES. Filhos do Exílio. **Época**. São Paulo, 14 jun. 1999. Pp. 46-53.

era filha de uma espanhola do serviço de limpeza, a menina não entendia como sua nova casa funcionava: “*Demorei uns cinco anos para me adaptar*”³⁴.

Envolvidos com a militância dos pais desde pequenos, muitos desde o ventre da mãe, os filhos de exilados receberam como primeiros referenciais aqueles que estavam inseridos na cultura política desta geração. Serge Berstein destaca que há três vetores pelos quais passa a cultura política. O primeiro deles é a família, onde a criança recebe um conjunto de normas e valores, de reflexões que constituem a sua primeira bagagem política. Em segundo está a escola, a universidade, que transmitem muitas vezes as referências admitidas pelo corpo social na sua maioria e que apóiam ou contradizem a contribuição da família. Depois vêm as influências adquiridas em diversos grupos onde os cidadãos são chamados para viver³⁵.

Se seguirmos o raciocínio de Berstein, a primeira bagagem política dos filhos de exilados foi o exílio de seus pais, e suas ações políticas contra o regime militar. Para a maioria seus pais eram a única família que tinham e as únicas pessoas de sua nacionalidade com quem conviviam. O modo de vida dos pais resumia em um primeiro momento a vida dos filhos. Certo que isso pode ser identificado na vida de qualquer criança, uma vez que não existe possibilidade de escolha e segue-se o modelo de vida dos pais. No entanto, o modelo de vida dos militantes não era exatamente como o de uma família qualquer. O primeiro apartamento de MG foi um aparelho político. AM foi gerada no exílio, passou por dois países ainda bebê, e teve como lar a Suécia. RR teve sua casa invadida quando tinha nove anos por militares chilenos armados e tentara impedir seu pai de fugir pelo quintal da casa.

Apesar de todos os entrevistados definirem suas infâncias como “normais”, a normalidade em algum momento foi interrompida por algum episódio não muito comum na vida de uma criança. Uns fugiram do país que habitavam, outros invadiram e moraram em embaixadas, mudavam constantemente de nome, e houve também os que passaram um período na prisão ou em abrigos internacionais, e perderam contato com os pais por um

³⁴ Idem.

³⁵ Serge BERSTEIN. *Op. Cit.* p. 356.

tempo. Longe de querer definir esses episódios como causadores de traumas, o que pretendo discutir é de que forma o exílio marcou suas vidas e influenciou suas trajetórias.

4.3 Andar com as próprias pernas

O exílio parece ter ganhado mais sentido na vida dos filhos de exilados a partir da vinda para o Brasil. Os que eram mais velhos durante o exílio já faziam suas avaliações sobre a experiência, mas para os mais novos, que viveram a adolescência no Brasil, a reflexão ganhou força quando o exílio já havia terminado e a ditadura também.

Os anos oitenta no Brasil começaram com um clima diferente. A ditadura militar mostrava seu esgotamento, e os caminhos para a construção de vias democráticas faziam parte do vocabulário do país. Para os exilados esse era um momento muito aguardado, pois significava a possibilidade da volta. Depois de tantos anos longe o que esperar do Brasil? No que se transformou o país?

Com o fim do regime militar próximo, a ansiedade era sentida pelos dois lados, os que partiram e os que ficaram. Os brasileiros celebravam a abertura do país e a ansiedade era muito grande, o que fez com que um considerável número de exilados retornasse mesmo com a ditadura ainda em vigor.

No aeroporto internacional do Rio de Janeiro havia uma festa a cada dia. Dona Joana, que teve o filho exilado em 1975, diz ter perdido a conta de quantas idas e vindas fez ao aeroporto para buscar os amigos:

“Era uma verdadeira farra. Nós fazíamos faixas, cartazes, levávamos a família toda. Nunca vou esquecer o momento que vi meu filho saindo com a esposa, que eu nem conhecia, daquela parte de desembarque. Ela ainda chegou grávida! Foi o maior presente da vida. Meu filho voltava pra mim e ainda trazia um neto, que depois veio a ser uma neta”³⁶.

³⁶ A conversa com Dona Joana foi uma dessas maravilhosas surpresas que o trabalho em pesquisa nos traz. Reencontrei uma amiga de colégio, um dia qualquer em Ipanema, e ficamos divagando sobre o que estávamos fazendo profissionalmente. Ela estava acompanhada de uma senhora, que ouvia a nossa conversa sem muito interesse. Falei sobre a minha pesquisa, e imediatamente o tom da conversa mudou. A senhora, que era sua avó, começou a contar um pouco da história da família. Imediatamente perguntei se a minha amiga havia morado no exílio com os pais, na esperança de poder entrevistá-la, mas ela nasceu no Brasil. Quando vi estava na verdade entrevistando Dona Joana, que sentou comigo em uma livraria em Ipanema e nós passamos a tarde falando sobre política, tortura, livros, exílio, viagens, governo Lula, entre outros assuntos. Era o dia 20 de dezembro de 2005, no Rio de Janeiro.

Na barriga estava Laura, que recebeu o nome que a mãe adotara nas ações políticas. A espera de Dona Joana foi longa como a de muitas outras mães e familiares, que não podiam fazer nada a não ser aguardar o grande encontro.

Esperança é como Dona Joana define este momento:

“Tínhamos a possibilidade de acreditar de novo. Percebi a vinda da minha neta como a vida nova que estava nascendo no país. Chegavam muitas crianças que nunca tinham vindo para o Brasil, e era muito bonito ver as famílias se reencontrando e se conhecendo”³⁷.

Este foi um momento em que os exilados puderam retomar algumas das lutas perdidas durante a ditadura. A construção de frentes de lutas, como partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, estavam sendo organizados. Depois de lutas clandestinas e ações armadas, os militantes de então pareciam optar por uma nova via de ação. Muitos se lançaram candidatos e fizeram parte da construção de partidos.

No meio das campanhas dos pais estavam seus filhos vendendo broches, camisetas, aparecendo nas chamadas eleitorais para as eleições diretas. Envolvidos com a construção de um país novo, os militantes continuavam atuando e a experiência mais uma vez era passada de pais para filhos. Enquanto crianças que ficavam nas banquinhas do partido, distribuía panfletos nas ruas, não seria coerente apontar este momento como uma ação política das mesmas. Seguiam mais uma vez os passos dos pais. O que desencadeou a experiência do exílio para os meninos e meninas brasileiros era mais uma vez reproduzido no Brasil.

Envolvidos com a militância dos pais, os filhos de exilados parecem respeitar suas trajetórias, mas alguns avaliam com cuidado certos aspectos da luta que travaram. Em relação aos entrevistados para este trabalho, o que podemos verificar é que do convívio muito próximo com a militância, sendo esta muitas vezes uma influência direta em suas vidas, três processos foram desencadeados: os que não se interessaram por política, os que desejavam atuar e militar politicamente, e aqueles que experimentaram esses dois momentos.

AM está inserida no terceiro grupo:

³⁷ Idem.

“Depois que eu descobri o passado da minha mãe, eu não comentava aquilo com ninguém, e fiquei inclusive um tempo sem querer ver política. Peguei um asco, não queria de jeito nenhum. As pessoas falavam: ‘Mas como você, filha do seu pai, não quer saber de política’. Não sei o que foi, se foi alguma coisa de trauma, mas não queria mesmo fazer e falar de política (...) Depois de um tempo, com a faculdade, a vontade veio e eu me envolvi com o DA e o DCE”³⁸.

Ainda adolescente AM engravidou, e mais uma geração da família era levada para ações de militância: “*Depois dos dezoito anos eu comecei a me envolver mais. Foi quando veio o ‘Fora Collor’, o Lula, mas já era outro momento. Levava a Julia de carrinho, subia no palanque*”³⁹. O desenvolvimento desta dissertação ocorreu durante o governo Lula, especialmente no ano de 2005, quando eclodiu a crise política do governo. Em meio à CPI’s, escândalos e denúncias, as entrevistas eram realizadas e o assunto recorrentemente vinha à tona:

“Eu sempre acreditei muito no Lula, ele sempre foi uma grande esperança. Fui para Brasília de carro ver a posse, juntei grana, dividi o carro com amigos. Passei meu reveillon lá para ver a posse, uma alegria imensa. Sempre fiz campanha. Tirei o título com dezesseis anos para votar. Hoje apesar dessas coisas todas que estão rolando em relação ao PT, e ao Lula, eu ainda não perdi as esperanças. Prefiro ele do que as outras opções. Acho que podemos tirar algo de positivo disso tudo”⁴⁰.

Hoje AM não se considera atuante, e diz que não tem mais vontade de se envolver com a política de partido:

“Eu me considero politizada, mas não atuo. Tenho preocupação que a minha filha saiba sobre política, leia jornal. Na minha família não tem como escapar né [sic], mas acho que hoje a nossa relação com a militância é bem diferente”⁴¹.

GS sempre esteve distante da militância, e diz nunca ter tido vontade de “fazer política”:

“Nunca me envolvi com política, e para falar a verdade sempre achei meio chato esse negócio de movimento estudantil. Na faculdade, no meio da aula vinha aquele grupo de estudante que queria falar sobre greve, sobre bandeirão, passeatas. Achava meio

³⁸ Entrevista de AM. *Loc. Cit.* AM fez faculdade de jornalismo na FACHA no Rio de Janeiro.

³⁹ Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

⁴⁰ Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

⁴¹ Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

inconveniente de vez em quando. Sempre tinha alguém que era filho de alguém importante da esquerda e adorava fazer os discursos. Tem muito filho de militante que tira proveito disso”⁴².

Apesar de ter tido a oportunidade de *tirar proveito* do seu histórico familiar, esse não foi o caminho de FS, que depois de experimentar uma militância estudantil, não quis seguir a carreira do pai:

“Meus pais nunca me incentivaram para entrar na vida política, mas sempre frisaram a importância de ter conhecimento e engajamento político no sentido de não aceitar a ditadura, de lutar por um estado democrático, de ajudar políticos sérios e comprometidos (...) Só tive militância no movimento estudantil, na luta contra a ditadura e pela regulamentação da minha profissão (biólogo). Fui várias vezes convidado para ingressar na política, mas recusei todas. Não gosto e não quero, embora ache muito importante. No movimento estudantil fui eleito para o centro acadêmico e, como primeiro ato, reformei o estatuto para eliminar a figura da diretoria e estabelecer uma democracia direta, em resumo me auto-destitui. Enquanto estive na UNICAMP esse foi o regime do nosso Centro Acadêmico”⁴³.

A convivência com o pai, e a vida em um país comunista, despertaram em ZP o desejo de militância. O exemplo da carreira política de seu pai e dos *companheiros* com quem convivia, influenciou ZP a querer seguir uma trajetória similar:

“Sempre admirei a dedicação de meus pais à causa. Pode ser que em algum momento questionava, mas me engajei na luta. Tanto que, ao terminar o ensino secundário, queria seguir carreira política e fazer a escola de formação de político que havia lá. Minha mãe mandou eu falar com o meu pai. Ele me fez desistir da idéia falando da importância da mulher ser independente financeiramente no país capitalista. Queira ou não, ele não falava abertamente, mas queria que todos voltássemos para o Brasil”⁴⁴.

RR esteve extremamente engajado na construção do PDT, e andava pelos bairros de Belo Horizonte para arrecadar assinaturas para a fundação do partido. A militância foi uma forma de se integrar à cidade que tanto hostilizou no começo:

“Quando eu entrei no colégio rapidamente me tornei líder estudantil. Atuava no colégio, e fui para Curitiba para o congresso da refundação da UBES. Não sei como eu consegui entrar na primeira diretoria. Fui secretário de relações internacionais da UBES. Nesse

⁴² Entrevista de GS. *Loc. Cit.* GS iniciou a faculdade de Economia, mas no meio do curso mudou para Direito na UFRJ.

⁴³ Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

⁴⁴ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

momento eu tava [sic] com dezesseis anos e militava no PDT, por influência do meu pai. Era da Juventude Socialista do PDT. Eu ia para as favelas de Belo Horizonte fazer ficha de inscrição para registrar o partido. Precisávamos recolher fichas de filiação, e era muita coisa. No fim de semana, juntavam dez garotos, todos politizados de lencinho vermelho amarrado no pescoço, e íamos de porta em porta. Paralelamente eu era líder estudantil e falava sempre em nome da UBES. Fazia discursos e ainda me enrolava um pouco com o português⁴⁵.

O seu irmão FR acredita que a experiência do exílio “*abriu sua cabeça*” para outras referências que não somente aquelas dos seus pais. Ao contrário do seu irmão a militância em partido não foi o seu caminho:

“Eu sempre gostei do Brizola, e desde o início em Minas, quando voltamos, meu pai falava do PDT, para nós adotarmos o PDT. Mas quando a gente voltou para o Brasil, eu percebi uma coisa que ele não tinha percebido, que o Brasil tinha mudado. E ele apoiou uns candidatos retrógrados, e lançou um candidato que ele achava que era a grande jogada política, mas que era mal visto. O resultado veio na eleição. Foi um fiasco. Meu pai veio para o Brasil do exílio com vinte anos de atraso. Hoje já não é mais assim, ele possui uma outra visão, mas na época ele não queria ver que o país estava longe do que ele idealizava (...) Nesse primeiro momento da volta, meu pai ainda andava com os mesmos amigos, as pessoas que pensavam como ele. Eu era jovem, e o jovem anda muito na rua, tem mais convívio com pessoas diferentes. Eu saía muito, conversava muito com as pessoas na rua, e pude perceber que o Brasil do meu pai não existia mais⁴⁶”.

Os aspectos destacados por FR, e sua observação em relação ao pai, foi o que, de acordo com Ana Vasquez, muitos filhos de exilados do Cone-Sul fizeram durante o exílio na França. Um choque de gerações era perceptível a partir do momento em que pais e filhos identificavam-se com elementos distintos, que diziam respeito não somente ao processo normal desta fase, mas também apontavam para uma diferença de formação cultural e social. Os adultos não se misturavam com os habitantes locais, e conviviam somente com seus iguais, enquanto seus filhos faziam amigos na escola e mantinham uma vida social mais diversificada⁴⁷. Os adolescentes aceitavam com mais facilidade traços da cultura francesa e se mantinham atualizados, o que muitas vezes era mal visto pelos seus pais. Esses não queriam ver seus filhos “*afrancesados*”, e repudiavam comportamentos novos como o uso de gírias e termos da cultura local⁴⁸.

⁴⁵ Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

⁴⁶ Entrevista de FR. *Loc. Cit.*

⁴⁷ Ana VASQUEZ. *Op. Cit.* p. 26.

⁴⁸ Idem, *Ibidem.* p. 27.

Isso desencadeou um processo de questionamento dos filhos em relação à postura dos pais. “*Desconfiavam*” de suas atitudes, muitas vezes classificadas como “*românticas*”⁴⁹. Falavam de liberdade, mas eram repressivos em casa. Diziam que os franceses tinham que se abrir para os exilados e tratá-los com respeito, mas na realidade não se relacionavam com ninguém diferente deles. Havia uma contradição entre o discurso e prática.

Quando JC anunciou em casa que ia se candidatar para o grêmio da escola sua mãe, ex-militante da ALN, reagiu da seguinte forma: “*De jeito nenhum! Filha minha não vai se envolver com política estudantil!*”⁵⁰. A declaração da mãe causou uma grande surpresa em JC, e também uma revolta:

“Como assim não vou me envolver em política? Quem é você para falar isso? Que moral você tem agora depois de me arrastar para fora do Brasil, me colocar em campanha política? Você que começou tudo isso!”⁵¹.

Segundo JC sua mãe já havia desistido de militar, e não achava que a filha deveria seguir o mesmo caminho que ela:

“Minha mãe estava muito decepcionada com o país, e acho que se não me tivesse, teria voltado correndo para Europa. Começou com aquele discursinho [sic] que os pais mandam para os filhos quando querem ter razão: ‘Eu sei do que estou falando. Você vai se decepcionar muito. Eu vivi isso, você não’. Tivemos uma briga horrível, e quando eu comecei a questionar o modo de vida dela foi um barraco daqueles. Peguei pesado também. Disse que ela era militante de ocasião, que provavelmente só estava interessada nas festinhas e no título de combatente. Agora levava uma vidinha burguesa, com seu emprego de alto executiva e só queria saber de ganhar dinheiro. O clima ficou pesado lá em casa uma semana”⁵².

O fato da mãe não apoiar a decisão da filha fez JC desistir da eleição escolar:

“Fiquei muito triste com aquilo, e na verdade perdi a vontade de participar de tudo que envolvia política até chegar na faculdade. Me deu medo na época, e não sei muito bem de quê. Foi um tempo que eu passei muito com a minha avó. No dia da eleição no colégio cheguei na casa da minha avó chorando, e com muita raiva da minha mãe. Acho que com muita raiva de mim também por ter desistido do que eu tanto queria. Com o tempo

⁴⁹ Idem, *Ibidem*. p. 25.

⁵⁰ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

⁵¹ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

⁵² Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

conversei cada vez mais com a minha mãe sobre o tempo dela e a política que faziam, e pude perceber que ela ainda estava assombrada pela ditadura. Foi presa, torturada, e ainda não tinha superado os traumas. Muitas coisas começaram a voltar pra mim. Quando voltamos do exílio fazíamos um caminho diferente a cada dia na volta para casa, e eu não reparava isso. Hoje sei que ela ainda tinha medo de ser seguida. Encorajei minha mãe a fazer terapia, e eu também fiz. Foi muito bom para nós duas. A relação mudou completamente. Mesmo assim, o desejo de fazer política estava implantado em mim, e não tinha como retirar isso. Eu bloqueie durante a escola, mas na faculdade explodiu dentro de mim como se fosse uma bomba! Foi muito bom, coloquei tudo para fora. Minha mãe nunca gostou, mas teve que aceitar”⁵³.

A experiência na União Soviética cobriu a vida de ZP de elementos que remetiam a vivência política dos pais e do país. As suas formações familiar e educacional estiveram entrelaçadas, pois se tratava de um compromisso com uma causa que ela e os irmãos abraçaram durante o exílio. Os pais não cobravam dos filhos um engajamento político, foi um processo natural que envolvia a história da família:

“Escutava sempre meu pai falar da situação no Brasil. Tanto é que organizamos um grupo de canção de protesto e viajamos pela URSS inteira fazendo campanha para o Partido Comunista e contra a ditadura no Brasil”⁵⁴.

No Brasil, no entanto, o quadro era outro:

“Outra coisa foi quando retornamos. Aí sim, meu pai não queria que nenhum de nós nos envolvêssemos com política. Os motivos eram vários e não quero falar deles aqui”⁵⁵.

GS acredita que a geração dos seus pais não tinha muita consciência do que era o país:

“Eram todos de classe média, universitários. Uma minoria privilegiada que falava em levar a consciência ao povo. Quem disse que o povo queria isso? Quem disse que o povo queria a consciência deles? Não consigo entender certas certezas que eles tinham, tão convictos que estavam fazendo o bem. Isso é um ponto de vista”⁵⁶

No segundo grau, GS estudava os “*anos rebeldes*” com um olhar muito crítico e distante:

⁵³ JC cursou psicologia na USP. *Loc. Cit.*

⁵⁴ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

⁵⁵ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

⁵⁶ Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

“Não tem como não admirar uma pessoa que se dispõe a morrer por um ideal. Eu não tenho essa coragem, nem sei se tenho ideais como os que os meus pais tinham. Uma coisa engraçada foi quando na escola, eu comecei a estudar a ditadura e me interessei muito sobre o tema, mesmo sem conversar muito com meus pais sobre isso. Eu gostava de ler sobre as manifestações, os festivais, adorava as fotos da época. Surgiu uma admiração maior sobre o período, mas sempre como algo distante de mim. Nunca me vi ali, nunca me reconheci naquelas coisas. Acho que eu ia ser como a personagem da Malu Mader naquela minissérie da Globo, Anos Rebeldes. Não ia apoiar a ditadura de jeito nenhum, mas me envolver na luta armada também não”⁵⁷.

Para JC os papéis se inverteram:

“Eu sou muito mais engajada que a minha mãe. Desde que voltamos para o Brasil ela largou a política de vez. Não sei se foi muita decepção ou se ela mudou mesmo. Eu me tornei militante e ela deixou de ser. A experiência do exílio foi muito interessante vista posteriormente, porque na época eu era muito criança. Quando tive idade para analisar o que aconteceu fiquei muito envolvida com aquilo. Procurei fotos da nossa casa em Portugal, procurei na Internet também alguns amigos daquela época, mas não achei nenhum. Minha mãe nunca escondeu nada de mim, e sempre disse porque estávamos morando em Portugal. Eu que não entendia direito. Tenho uma enorme admiração por todos que se envolveram de corpo e alma para libertar o Brasil de uma ditadura violenta. Claro que eu tenho muitas críticas, mas isso é natural, ninguém sabe tudo. Mas para mim fora heróis sim! Tiveram muita coragem”⁵⁸.

JC se inspirou no exemplo da mãe, mesmo quando ela não queria ver a filha envolvida nesse tipo de atividade. A experiência do exílio foi fundamental, segundo ela, para entender as conseqüências que uma militância pode trazer:

“Lembro dos pesadelos da minha mãe. Ela acordava chorando e às vezes até berrava. Era horrível. Ficava muito assustada. Depois de um tempo as coisas foram se acalmando, e a gente teve uma vida normal, mas demorou muito. Acho que foi importante viver isso para entender que não é brincadeira fazer política”⁵⁹.

A infância longe do Brasil trouxe aos filhos de exilados referências que não estavam próximas do país de seus pais. Mesmo com a experiência do exílio cresceram longe de uma ditadura, e quando retornaram a situação política começava a se modificar. É difícil definir os elementos da cultura política dessa geração, por terem crescido em um meio político bastante influente, mas também cresceram em um período marcado pelo *fim das utopias*.

⁵⁷ Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

⁵⁸ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

⁵⁹ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

Tzvetan Todorov analisa o período em que vivemos, marcado por esse processo, e define a sua trajetória como a de um *homem desenraizado*⁶⁰. Na realidade, esse termo não explicita apenas como o autor entende a sua trajetória, mas também pode ser visto como parte da biografia de indivíduos que experimentaram o fim da segunda guerra, a realização, e conseqüentemente, a derrota dos governos socialistas, e ainda os que vivem a ineficiência do modelo capitalista.

O homem desenraizado não é apenas aquele que viveu em diversos lugares por conta da impossibilidade de morar no seu país. Ele pode ser entendido igualmente como um retrato do homem contemporâneo, como se vivêssemos suspensos no ar, a procura de um lugar para cultivar raízes, um lugar em que acreditamos e com o qual nos identificamos. A análise de Todorov chega ao seu final com uma espécie que abertura; não parece ter um fim conclusivo. Para onde vamos? O que queremos? Depois de ter vivido na Bulgária comunista, fixado sua estadia na França, experimentado a vida nos Estados Unidos, o autor não oferece respostas, mas sim reflexões sobre como vivemos hoje no mundo, e que possibilidades ele nos oferece.

Talvez um leitor menos atento possa perceber o autor como um desiludido, afinal ele não se mostra um otimista, e não demonstra uma esperança em relação aos rumos da nossa civilização. No entanto não oferecer uma saída pode ser a maior riqueza desta obra. A sensação de estarmos perdidos sem termos para onde ir é a mais presente no livro, afinal o comunismo totalitário não funcionou e o capitalismo também não é eficiente, como podemos verificar hoje. Isso não significa que não podemos encontrar o nosso lugar no mundo, e nesse espaço trabalhar para construir e desenvolver a nossa identidade. Ainda que se defina enquanto um homem desenraizado, a França se tornou seu porto seguro, e reconhece Paris como sua cidade. Apesar de todas as suas considerações sobre o país e sobre a vida enquanto um estrangeiro⁶¹, parece ter encontrado um lugar para chamar de seu, e nele encontrou igualmente em espaço para trabalhar e desenvolver seus estudos.

⁶⁰ Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.*

⁶¹ Todorov faz uma análise sobre a dificuldade e a superação do estigma de estrangeiro em Paris, e acrescenta que passou a viver outro tipo de contradição: ser francês na França e estrangeiro na Bulgária. Essa é uma discussão que o autor faz juntamente com a experiência que teve de trabalho e moradia nos Estados Unidos, e a sua visita profissional, e não pessoal à sua terra natal. Ver Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.*

Vivemos num período ainda muito marcado pelo *fim das utopias*, o que não quer dizer que ideais morreram por completo. Podemos optar por ver o nosso tempo como uma seqüência de derrotas e frustrações, ou podemos apreender as perdas e tentar ultrapassá-las. Acredito que o autor defende a segunda opção, e o quadro que apresenta, apesar de estar imerso em suas experiências pessoais, consiste também na busca por realizações e conquistas, mesmo que feitas de forma individual.

Ao olharmos para o processo de adaptação no Brasil dos filhos de exilados, encontramos um período em que as dificuldades que seus pais enfrentavam conviviam com os obstáculos vividos no cotidiano das crianças. Muitos exilados chegaram sem uma formação profissional, e não conseguiam um emprego fixo. Também tinham dificuldade para conseguir montar uma casa pela falta de dinheiro. A maioria dos entrevistados morou com parentes algum tempo até que seus pais pudessem se estabilizar.

Diante deste quadro de dificuldades e de um recomeço tão familiar a essas pessoas, pelos menos uma certeza eles poderiam ter. Qualquer tipo de mudança que ocorresse não seria mais uma imposição, mas uma escolha. Podiam circular pelo país livremente, sem precisar se esconder ou fugir, ou mudar o nome com frequência. O exílio político havia terminado o que, no entanto, não significa que a experiência tivesse chegado ao fim. Para alguns ela apenas começava, mesmo que de uma forma reflexiva.

4.4 O Começo do Fim

Depois de algum tempo da chegada ao Brasil, a vida dos exilados ganhava um perfil de normalidade. Com emprego e endereço fixo puderam começar a planejar o futuro, e seguir novos caminhos. Para seus filhos o novo país deixava de ser estranho e era reconhecido como lar, mesmo que certos aspectos ainda causassem espanto. Como elementos de estranhamento entre os entrevistados estavam a pobreza e o comportamento dos brasileiros. Acostumados com o tratamento escolar dos países europeus e com o padrão de vida do primeiro mundo, as características de um país pobre e subdesenvolvido, mas que era muito *“alegre e solidário”*⁶², chamaram suas atenções.

⁶² Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

O contato com a família também recebe destaque em suas memórias. Tomavam conhecimento de um mundo que há muito ouviam falar, e que alimentavam a curiosidade de conhecer:

“Sempre ouvia histórias da minha família sem chegar a conhecer praticamente ninguém. Quando pude associar a história com o rosto foi muito bom. Todas as crianças falavam na escola dos seus tios, primos e avós e eu não podia contar nada, pois nunca tinha visto ninguém da família. No Brasil fiquei três meses na casa da minha vó [sic] até minha mãe comprar apartamento e nós mudarmos para a nossa casa. Foi maravilhoso conhecer a minha vó e poder dizer finalmente que eu tinha uma avó e um avô. Nós passeávamos muito pelo Rio. Era uma festa. Ela fazia todas as minhas vontades, como toda avó faz com os netos. Um dos melhores tempos da minha vida”⁶³.

GS lembra dos primeiros meses no Brasil com muita alegria, mas com uma lembrança amarga e um pouco nebulosa. O divórcio dos pais aconteceu logo em seguida, e ele foi morar com a mãe. Segundo ele, não se lembra muito desse período, mas recorda como foi difícil perder contato com o pai. Foi um momento confuso para o menino que iria completar onze anos, seu primeiro aniversário no Brasil:

“Não me lembro como foi exatamente, ou como me contaram que iam se separar. Eu achava que meu pai ia viajar, que era uma separação provisória e não definitiva. Minha mãe conta que eu perguntava constantemente quando meu pai iria voltar. Foi muito ruim ficar sem a presença dele em casa. Nós tínhamos uma ligação muito boa. Acho que meu pai sempre quis ter um menino, ele gostava muito de futebol, de esporte, falava o tempo inteiro do Flamengo em Londres. Achei que ele tinha voltado para Londres, e que nós íamos para lá também. Lembro que um dia fui falar com a minha vó [sic] e pedi para ela falar com a minha mãe para deixar eu ficar no Brasil com ela. Estava muito feliz aqui. Não entendi muito bem o divórcio, mas hoje acho que em Londres eles já deviam estar meio mal na relação, mas só tinham os dois né [sic], não tinha mais ninguém. Quando chegamos no Brasil, acho que viram a possibilidade de se separar”⁶⁴.

A temática do divórcio dos pais, após ou durante o exílio, aparece nos trabalhos de Ana Vasquez e Gabriela Richard⁶⁵, e também de Anne Marie Gaillard⁶⁶, com alguma frequência. As autoras destacam como a separação dos pais teve um papel fundamental no período de adaptação ao novo país. Laços familiares foram rompidos no exílio e muitos casais se formaram ao longo da experiência. É frequente também o casamento dos pais com

⁶³ Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

⁶⁴ Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

⁶⁵ Ana VASQUEZ e Gabriela RICHARD. *Op. Cit.*

⁶⁶ Anne Marie GAILLARD. *Op. Cit.*

estrangeiros habitantes locais dos países de exílio, o que representou uma situação de conflito no momento da Anistia, com a possibilidade da volta à terra natal. Como destaca Anne Marie Gaillard, em alguns casos, o pai voltava e mãe ficava no país de exílio e vice-versa, o que dificultava o contato com os filhos⁶⁷.

Pais separados é uma característica desta geração. Dos doze entrevistados dez passaram pelo processo de divórcio dos pais, e muitas vezes não foi apenas um divórcio que ocorreu, mas dois ou três. No Brasil, as crianças exiladas já estavam crescidas e podiam avaliar com mais maturidade as conseqüências da experiência vivida. A separação dos pais foi uma delas. Apesar do término do exílio institucional, para alguns ex-exilados a experiência se tornou cada vez mais presente.

Com a reflexão a cerca desta vivência é possível identificar o desencadeamento de um processo, ou pelo menos a possibilidade dele acontecer. Poderíamos incluir neste momento uma discussão feita por Gilberto Velho sobre a relação estabelecida entre Memória, Identidade e Projeto⁶⁸. O autor estabelece uma relação triangular, orgânica e necessária, entre esses três vetores, e procura identificar como o desenvolvimento de um pode influenciar o outro.

O elo desses três elementos está no sujeito e na sua formação enquanto um indivíduo. “*É indivíduo-sujeito aquele que faz projetos*”⁶⁹. A tomada de consciência da singularidade e da individualidade do indivíduo é baseada em uma memória que dá consistência à sua biografia, e é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Através da memória podemos ter uma visão retrospectiva da nossa trajetória e biografia, o que torna possível a elaboração de um projeto a partir dessas experiências vividas. Os projetos nada mais são do que uma projeção para o futuro dessa trajetória⁷⁰. “A consistência do projeto depende fundamentalmente da memória que fornece os indicadores do passado que produziu as circunstâncias do presente”⁷¹, o que nos leva ao desenvolvimento da identidade de um indivíduo:

⁶⁷ Cf. Idem, Ibidem.

⁶⁸ Gilberto VELHO. “Memória, Identidade e Projeto”. In: *Projeto e Metamorfose - Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

⁶⁹ Idem, Ibidem. p. 101 (grifo do autor).

⁷⁰ Cf. Idem, Ibidem.

⁷¹ Idem, Ibidem. p. 101.

“O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar *significado* à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. Ou seja, na constituição da *identidade* social dos indivíduos, (...), a *memória* e o *projeto* individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória”⁷².

Anteriormente foi analisada a relação memória-história, e para isto foram expostas as considerações de alguns autores estudiosos do assunto. Recordemos por hora as observações David Lowenthal sobre a fragmentação do passado, e o processo de *transmutação* do mesmo através da memória⁷³. A idéia de transmutar uma experiência é fundamental para não ser confundida com a possibilidade de reflexo de situações vividas. Lembremos também de Jacques Le Goff ao dizer que a memória não é apenas um resgate do passado, ela é essencialmente uma construção⁷⁴.

Acrescemos a esta discussão a tese de Gilberto Velho que também trabalha com a idéia de fragmentação quando se refere ao domínio da memória. O autor afirma que a forma como serão organizados os pedaços e fragmentos de fatos e episódios separados que a memória apresenta, é o que dá sentido à identidade de um indivíduo:

“O passado assim é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de *projetos* que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações”⁷⁵.

A formulação de projetos e não de um *Projeto* é importante para consolidar a memória enquanto uma construção. O projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganiza a memória do ator, dá novos sentidos e significados, provoca com isso repercussões na sua identidade⁷⁶. É a idéia de mobilidade da memória que Le Goff apresenta e que Gilberto Velho complementa. O que hoje possuo através das relíquias e fragmentos, que Lowenthal afirma nos colocarem em contato com o passado a partir da memória, e que moldam minha identidade, amanhã podem não fazer mais sentido.

⁷² Idem, Ibidem. p. 101 (grifo do autor).

⁷³ Cf. David LOWENTHAL. *Op. Cit.*

⁷⁴ Cf. Jacques LE GOFF. *Op. Cit.*

⁷⁵ Gilberto VELHO. p. 103. (grifo do autor)

⁷⁶ Idem, Ibidem. p. 104.

Avaliadas as vivências do exílio, as experiências adquiriram, aos poucos, sentidos na vida dos filhos de exilados. Em alguns depoimentos recolhidos para este trabalho, as memórias do exílio estão presentes de forma mais evidente nos projetos construídos, e nas escolhas pessoais. O caso de MG talvez seja o mais expressivo, pois até hoje sua família mantém relações diretas com Cuba, e ele organiza viagens para brasileiros que procuram conhecer o país e o seu sistema político. Na sala de sua casa podem ser encontradas fotos tiradas ao lado de Fidel Castro, expostas como um troféu da família. Um dos seus projetos é voltar a morar em Cuba, e ajudar nas relações governamentais entre os seus dois países: “*o de origem e o de coração*”⁷⁷.

JC afirma que o curso de psicologia foi fundamental para que ela entendesse o seu lugar no mundo. Transitou por muito tempo entre dois países, Portugal e Brasil: “*Era difícil definir o meu lugar. Eu sentia muita falta de Portugal, da calma e da tranqüilidade do lugar. Mas o Brasil foi ganhando cada vez mais espaço na minha vida*”⁷⁸. Ficou dividida entre uma opção de carreira mais politizada e a que escolheu finalmente, e cogitou a possibilidade de estudar em Coimbra. Depois de descartar a possibilidade de fazer Ciências Políticas ou Ciências Sociais percebeu que o trabalho na área da psicanálise poderia ter o papel político e social que ela desejava realizar. Especializou-se na área infantil e faz dois tipos de trabalho. Atende crianças com dificuldade de aprendizado escolar por conta de fatores externos, tais como divórcio dos pais e mudanças na infância, além do trabalho que desenvolve com uma ONG atendendo mães e grávidas adolescentes da periferia de São Paulo.

ZP identifica nos seus gestos, na visão de mundo, na forma de organizar a vida as influências do exílio: “*Meu marido diz que não penso como uma brasileira e que sou russa, não brasileira. É, pode ser (...) Tudo que sou hoje, 80% devo ao período vivido na URSS*”⁷⁹. As amizades, as convicções políticas, a esperança, são alguns dos elementos que ela identifica como remanescentes do período do exílio. Hoje milita no Movimento de Interfóruns de Educação infantil e no Fórum de Educação Infantil de Brasília: “*Esta sendo*

⁷⁷ Entrevista de MG. *Loc. Cit.*

⁷⁸ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

⁷⁹ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

uma experiência maravilhosa. Posso perceber como a educação ainda não é prioridade no Brasil”⁸⁰.

RR conseguiu finalmente morar no Rio de Janeiro, depois de completar a faculdade de jornalismo, e fundou um jornal virtual. Percebe claramente a influência do pai jornalista, também dono de um jornal local em Belo Horizonte nos anos cinquenta e sessenta. A família frequentemente contribui escrevendo matérias, e algumas delas estão relacionadas com a temática do exílio⁸¹. O tema ainda é muito vivo na família, o que levou sua irmã PR, que trabalha com turismo, a organizar uma viagem de ex-exilados ao Chile em 2005. Segundo PR seus pais nunca tinham voltado ao país depois do golpe de Pinochet, e ela resolveu promover esse retorno, convidando também outras pessoas que estiveram envolvidas com aquele episódio histórico⁸². O jornal do irmão publicou uma matéria especial sobre este momento, com o relato de seu pai sobre a visita ao país que quase todos da família consideram um segundo lar.

Para FS o exílio possibilitou um conhecimento maior do Brasil. A vida no centro do império americano fez com que ele tivesse uma visão diferente deste e do seu país. Sua trajetória enquanto exilado apresenta a dupla face que tanto foi discutida neste trabalho. Identifica o exílio como sua infância e adolescência, períodos ricos e felizes, imbuídos de grandes recordações. Contudo teve que aprender a conviver também com perdas. Muitas amizades fortes foram deixadas para trás, afastadas pela distância, pela dificuldade de comunicação. Adquiriu muito respeito e admiração pelas escolhas que seus pais fizeram, e os agradece muito por terem transformado uma experiência potencialmente traumática e dolorosa em um período da sua vida do qual guarda recordações muito ricas e prazerosas. Conheceu muitas figuras históricas, vivenciou momentos únicos como a eleição de Salvador Allende, manifestações contra a invasão do Camboja, manifestações contra a Guerra do Vietnã, o caso Watergate, queda do Nixon, entre outros. Em suas próprias palavras: “*Não posso me queixar!*”⁸³.

AM e GS parecem não dar muito significado hoje para o exílio, e às conseqüências que esta experiência desencadeou em suas vidas. Apesar de ter tido um envolvimento com

⁸⁰ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

⁸¹ Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

⁸² Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

⁸³ Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

a militância política, AM diz que hoje sua vida não reflete esse período. Resolveu fazer outra faculdade, de fisioterapia agora, e diz que finalmente está fazendo o que realmente gosta⁸⁴. GS foi incisivo em afirmar que o exílio não teve nenhuma influência em suas escolhas pessoais, a não ser a sua fluência em inglês. O exílio ainda representa um período misterioso para ele, e de acordo com sua avaliação, nem mesmo seus pais querem desvendá-lo. Suas recordações de infância não passam segundo ele pelo viés do exilado, e não considerava esta possibilidade até ser chamado para a entrevista desta pesquisa⁸⁵.

Não devemos perder de vista que a formulação de projetos não é uma relação de causa e consequência das experiências de indivíduos. Porque viveram o exílio não significa que iremos encontrar atitudes nas trajetórias dos ex-exilados que refletem única e especificamente essa vivência. A biografia de um indivíduo não é construída e fundamentada linearmente, mas, como ilustra Pierre Bourdieu, consiste na idéia de “*trajetória* como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”⁸⁶:

“Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”⁸⁷.

Há inúmeros caminhos para se chegar à estação desejada. Por mais que possamos encontrar a experiência de exílio em maior evidência na construção da trajetória de alguns entrevistados, isso não significa que ela é uma determinante em suas vidas, assim como não quer dizer que em relação aos demais, que parecem não dar o mesmo crédito para suas vivências, ela não esteja presente nesse processo.

Unidas às memórias do exílio estão outras experiências que somadas fazem parte do processo de formação da identidade do indivíduo, o que possibilita a formulação de projetos. Como nos esclarece Gilberto Velho não nos referimos a um Projeto, mas sim há

⁸⁴ Entrevista de AM. *Loc. Cit.*

⁸⁵ Entrevista de GS. *Loc. Cit.*

⁸⁶ Pierre BOURDIEU. A Ilusão Biográfica. In: *Usos e Abusos da História Oral. Op. Cit.* p. 189. (grifo do autor).

⁸⁷ Idem, *Ibidem.* Pp. 189-190.

vários que juntos apontam para a projeção no futuro de uma trajetória. Este processo não tem um fim específico, e pode ser constantemente reinventado.

3.5 O Exílio como Lugar de Memória

Para muitas crianças o exílio representa o lugar da infância. As memórias dos primeiros anos de vida remetem ao período de vida enquanto exilados. Nas memórias dos entrevistados está presente uma característica comum a todos eles: o desejo de visitar novamente o país de exílio. Os motivos são muito parecidos, pois para eles os países que moraram representam uma considerável parte de suas vidas, e os descrevem com muita saudade.

Muitos fizeram esse movimento, e os que não conseguiram ainda retornar, têm como projeto fazer uma viagem em busca de elementos do passado, de preferência com a família. Todos os entrevistados tentaram encontrar amigos antigos pela Internet, alguns procuraram fotos das casas em que moraram e da escola também. Tiveram sorte algumas vezes e os laços de amizade foram reforçados, assim como o laço com o país de exílio. Quando se referem a esses lugares a palavra *exílio* lhes parece um pouco forte, e não é desta forma que hoje entendem esses países. O que é bastante compreensível, pois as experiências de exílio estão imbuídas de sentimentos de dor e violências, e os retratos dessas vivências tendem a ressaltar apenas os aspectos negativos.

No entanto, o movimento feito pelos filhos de exilados de voltar ao país de exílio demonstra mais uma vez que nesta experiência há espaço para alegrias, para boas recordações. Apesar de tudo que viveram, o exílio teve um significado especial que compõe suas trajetórias.

A volta ao país de exílio e a busca por informações e por peças que possam juntar o quebra cabeça de suas memórias, nos levam a pensar em um nova atribuição do domínio da memória e da sua relação com a história, isto é, do exílio como *lugar de memória*. Este termo recebe a autoria de Pierre Nora, e a discussão que propõe diz respeito à forma como fazemos uso da memória e como nos apropriamos dela nos dias de hoje.

O artigo de Pierre Nora, “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, pode ser considerado no mínimo provocativo. Logo de início o autor afirma que a memória não existe mais. Nora propõe que a memória verdadeira é apanágio das sociedades primitivas e que, no mundo moderno, em que os suportes externos substituem o exercício permanente da memória, a “*memória verdadeira*” já não pode ser encontrada, e sede seu posto ao que ele denomina de “*lugares de memória*”⁸⁸.

Quando se refere à memória verdadeira, Nora se remete ao uso da memória pelas sociedades primitivas e arcaicas, nas quais a tradição oral era a principal forma de transmitir conhecimento. Havia uma dimensão sagrada que envolvia o domínio da memória, mas se perdeu com o processo de aceleração das sociedades modernas condenadas ao esquecimento, e que por isso foram obrigadas a inventar os suportes externos de memórias, tais como arquivos, bibliotecas, repartições públicas, que Nora identifica como os lugares de memória:

“Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis”⁸⁹.

A memória é hoje transmitida não por si mesma, mas através da história. O que é chamado de memória na verdade já se tornou história. “*A necessidade de memória é uma necessidade de história*”⁹⁰.

O retorno ao exílio, e a visita aos lugares simbólicos que fizeram parte da experiência dos filhos de exilados, permite atribuir uma nova identidade a esse episódio. Agora enquanto um lugar de memória cumpre um papel importante na vida dessas pessoas. Esse processo faz parte do que Nora chama a atenção sobre a necessidade de memória que surgiu com as sociedades modernas, o que na realidade se torna uma necessidade de

⁸⁸ Pierre NORA. *Op. Cit.* p. 7.

⁸⁹ Idem, *Ibidem.* p. 13.

⁹⁰ Idem, *Ibidem.* p. 14.

história, uma busca por informações, que apesar de não ser natural e espontânea não deixa de fazer parte da nossa cultura, e, portanto tem a sua importância na construção da trajetória dos indivíduos.

A visita de RR ao Chile apresenta alguns elementos que remetem ao que Nora chama das propriedades dos lugares de memória. O mesmo local pode ter o significado da memória individual e de uma memória coletiva. O Palácio da Moneda, por exemplo, visitado por RR, ocupa na sua memória o símbolo do golpe de Pinochet, a derrota de Salvador Allende, e o início da realidade do exílio. Mas esse prédio público, e simbólico, também fala com outros grupos sociais, e não somente com os exilados, ou com aqueles que eram contra o regime ditatorial. Representa para os membros da direita conservadora chilena um dia de vitória, o marco da tomada de poder. Pode ser visto também enquanto um museu, um arquivo histórico que serve para pesquisas variadas.

Já a visita a casa onde morou, com os pais e os sete irmãos, apresenta um outro significado. Esse é um universo muito particular da sua memória e da história da sua família. Hoje faz parte da memória de outras pessoas, que foram abordadas por RR e para elas contou um pouco das suas memórias naquela casa tão querida por ele, e pelos irmãos⁹¹.

FS também voltou ao Chile e o motivo de sua viagem já traz em si a característica da união de uma memória individual com uma coletiva. Sempre se recusou a ir ao Chile enquanto Pinochet estivesse no poder. O aniversário de trinta anos da morte de Salvador Allende o motivou a ir para Santiago, e uma das visitas que fez foi ao *Estadio Nacional*: “*Senti um enorme calafrio ao entrar lá*”⁹².

AM não conseguiu retornar à Suécia, mas diz que um dia pretende voltar e tentar encontrar elementos de sua vivência no país:

“Tentei encontrar um amigo pela Internet, mas não consegui. Adoraria voltar, afinal foi minha casa por um tempo. Tenho curiosidade de ver se o sueco volta também. Hoje não falo nada, mas dizem que se eu voltar ele volta também”.

Voltar à escola na qual se estudou, visitar a casa onde morou, andar pelo bairro antigo, pelas ruas e parques da infância, os transformam em lugares de memória:

⁹¹ Entrevista de RR. *Loc. Cit.*

⁹² Entrevista de FS. *Loc. Cit.*

“Cumpram a função de parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, e é isso que os torna apaixonantes: os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”⁹³.

O caso de ZP é bem particular. O lugar de memória da sua experiência de exílio foi extinto politicamente, e geograficamente, quando ocorreu a desintegração da União Soviética. Esteve em Moscou três vezes depois do exílio (1992, 1996 e 2001):

“Não foi fácil compreender e aceitar que a URSS não existia mais. Pois é, a sensação era de ter vivido num país que não existia mais. Foi duro. Não pelas mudanças ocorridas, pois a vida humana é dinâmica e as mudanças fazem parte do próprio processo dialético de desenvolvimento. Vi que as críticas que fazíamos ao regime Soviético desaguaram na sua extinção. Pobre povo russo. Já passou por tanto e era mais uma prova”⁹⁴.

Em suas memórias existe a União Soviética e não a Rússia, o que para ZP tem uma diferença significativa. Estava inserida em uma sociedade com propostas política, econômica e social, que apesar das críticas, valorizava muito. Além de ter sido educada e criada nesse regime, toda sua formação escolar e profissional foi feita durante o exílio. Depois de quinze anos, o país de exílio era o seu país. Só conheceu o Brasil em 1981, mas voltou para a União Soviética para terminar seus estudos. Assimilar o fim do que reconhecia como seu lar durante muito tempo não foi simples para ZP.

FR fez um movimento mais incisivo e voltou a morar na França, em Paris, com a esposa e o filho. O retrato que faz hoje do país certamente é bem diferente do que fazia no período do exílio. A maturidade e experiência de vida contam para isso, mas também o fato de não ser mais exilado lhe traz um sentimento de maior autonomia e de independência em relação à França. Apesar de ter boas recordações do período do exílio, sua mudança não esteve motivada por uma nostalgia. Os motivos foram profissionais. Contudo, não estão excluídos movimentos de busca pelo passado, e estar com o filho lhe fez perceber os elementos positivos que o país pode oferecer, que no exílio não eram muito valorizados.

⁹³ Pierre NORA. *Op. Cit.* p. 22.

⁹⁴ Entrevista de ZP. *Loc. Cit.*

3.6 Memória e Ressentimento

A discussão sobre a relação entre memória e história abre um leque de assuntos pertinentes para este trabalho. Vejamos um outro universo relacionado com a memória, agora o do ressentimento, e que espécie de relação pode ter com o exílio.

Como vimos anteriormente com Edward Said, um exílio não acontece por acaso e não corresponde a um desejo voluntário⁹⁵. Ele ocorre quando é estabelecida uma situação de conflito entre cidadãos e o Estado, ou entre um grupo político e uma ordem de poder. A conjuntura que torna o exílio uma realidade é aquela da exclusão e da intolerância, e os exilados vivem sob o signo da expulsão de sua terra natal.

As conseqüências do exílio são muitas como pudemos verificar ao longo desta análise. Positivas e negativas, elas também dizem respeito ao âmbito subjetivo, ao universo dos sentimentos, o que não deve ser desprezado. O crescimento do ressentimento pode ser uma das respostas dos exilados à experiência do exílio.

O ressentimento parece ter ganhado uma importância nos estudos das mais diversas áreas. Devemos, contudo, tomar algumas medidas de prevenção ao lidarmos com essa temática, pois ela não deve ser vista como uma conseqüência para as situações que envolvem vivências políticas. O ressentimento não deve ser estudado como uma resposta para certas medidas que nos causam dor, mas sim como um processo que pode ou não ser desencadeado. Veremos com alguns autores como o ressentimento surge e de que forma podemos identificá-lo.

A importante contribuição de Friedrich Nietzsche para esse tema já é amplamente reconhecida. Há quem defenda que foi este filósofo quem primeiro utilizou e pesquisou o ressentimento⁹⁶. Com a *Genealogia da Moral*⁹⁷, Nietzsche apresentou suas considerações a respeito do ressentimento, e também aborda questões sobre os domínios da memória. Sua preocupação maior sobre este assunto parece estar voltada para onde está a origem desse sentimento, e quais as suas causas para o homem.

⁹⁵ Cf. Edward SAID. *Op. Cit.*

⁹⁶ Ver Pierre ANSART. História e memória dos ressentimentos. e Paul ZAWADZKI. O Ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

⁹⁷ Friedrich NIEZTSCHÉ. *Op. Cit.*

O ressentimento para Nietzsche está diretamente ligado com a idéia de justiça e, conseqüentemente, de injustiça também. Na *Segunda Dissertação* de sua obra reflete sobre o nascimento do Estado e da lei, que segundo ele é o que possibilita também o nascimento da justiça. A partir da criação de um Estado, a lei é imposta ao homem, e o cumprimento desta lei é o que ele denomina justiça. O objetivo deste mecanismo consiste, entre outros, em impedir o ressentimento de nascer no homem. Vejamos por que.

No convívio com uma comunidade o homem reconhece e aceita a lei formada. Explícita o conhecimento desta regra, e sabe igualmente que existem punições para os indivíduos que a infringem. Quando a lei não é cumprida, os mecanismos que servem para reparar o dano que foi causado a alguém são conhecidos por todos. Um dano causado é reparado através do cumprimento da lei, e neste sentido, o ressentimento não encontra espaço para se desenvolver. A justiça é feita e reconhecida pelos que convivem no mesmo espaço.

O ressentimento encontra um terreno fértil quando a justiça não ocorre, quando há descumprimento da lei e o agressor não é punido. O que Nietzsche identifica nesta situação é a possibilidade de surgimento da revolta, um desejo de vingança por parte de quem sofre um dano e não consegue vias de reparação. O cumprimento de normas e regras de uma comunidade está nas mãos do Estado, e é para ele que deve ser deslocada esta obrigação.

Em uma comunidade onde as leis são cumpridas, aquele que sofreu uma violência ou uma agressão não vai responder com a vingança, pois entende que métodos utilizar para que seja feita a justiça, e com isso reparar a sua condição. O homem nem mesmo terá como por em prática o sentimento de vingança, pois o Estado não permitirá. Se por acaso um acerto de contas for feito por um membro desta comunidade, esse indivíduo será tão culpado perante a lei quanto o sujeito que ele quer atingir. Esse processo, e a compreensão do mesmo segundo Nietzsche marca a transição do bicho homem para o homem, um período que ele define como pré-história.

Como parte deste processo está a formação da moral do homem. O título de sua obra já diz ao que ela veio, e o autor define o seu tema: uma exposição sobre a origem dos

nossos preconceitos morais⁹⁸. Procura fazer a crítica da crítica da moral para se chegar ao seu nascimento, e entender como ela atua na vida humana. O que Nietzsche observa é que a moral pode ter duas formas: a nobre e a escrava. Estão sempre em lados opostos:

“Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz não a um ‘fora’, ‘um outro’, um ‘eu não’ – e este Não é o seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação”⁹⁹.

O ressentimento compõe a moral escrava, e o homem escravo. O homem fraco e escravo reage ao que lhe fazem de forma submissa e aceita a condição que lhe é imposta; o ressentimento surge da incapacidade de ação diante de um mal que foi causado, e com isso, a vingança é desejada. Já o nobre não se entrega ao ressentimento, pois não há em sua moral espaço para esse envenenamento¹⁰⁰. Ele age para impor a sua vontade de forma justa e imponente.

A temporalidade histórica para Nietzsche não é fundamental neste processo, pois tem a sua origem numa época impossível de ser datada, a pré-história. Uma vez desencadeado este processo, ele pode ser identificado em diferentes períodos e em distintas situações. A idéia de justiça e injustiça, de fraco e forte, são apresentadas na obra de Nietzsche como partes da condição humana, e por isso podem ser encontradas nos mais diferenciados acontecimentos históricos. Podemos pensar, portanto, como esta formulação ocorre na formação dos Estados modernos, na fundação das religiões, no conflito entre cidadãos e o Estado, a condução de regimes totalitários, entre outros.

Em relação a este último exemplo, a psicóloga Maria Rita Kehl, também estudiosa do ressentimento e das idéias de Nietzsche, lembra que em regimes totalitários e ditaduras, a relação entre justiça e injustiça são mais complexas. “A injustiça contraria a ordem simbólica que pretende garantir igualdade de direitos. Desse modo, os injustiçados vêem-se

⁹⁸ Cf. Idem, *Ibidem*, p. 8.

⁹⁹ Friedrich NIETZSCHE. *Op. Cit.* p. 29 (grifo do autor)

¹⁰⁰ Idem, *Ibidem*, p. 31.

como *privados* de algumas garantias às quais teriam, antecipadamente, direito”¹⁰¹. Como observou Paul Zawadzki, compreendermos que sofremos uma injustiça em um Estado democrático, no qual pressupõe-se que todos os indivíduos são iguais, e possuem os mesmos direitos, já é extremamente complicado. Mais complexo ainda é entender que o Estado democrático seja abolido, e que com isso impere a negação de direitos e a injustiça prevaleça¹⁰². Esta é uma situação que foge dos nossos padrões de convivência social, que são entendidos como absurdos, mas que nem por isso deixam de acontecer.

Para Nietzsche o homem de moral nobre é aquele que age contra a injustiça, mas não de forma vingativa, e sim a procura da justiça. Aquele que procura a vingança é o ressentido, o homem de moral escrava. Um Estado ditatorial nega os direitos dos homens, e, portanto impossibilita a justiça de prevalecer. Agir contra esse Estado não é uma ação vingativa e escrava, mas nobre, digna do homem forte.

Os *pensamentos*¹⁰³ de Nietzsche apresentam semelhanças às considerações de Albert Camus sobre o ressentimento. O que não ocorre por acaso, já que este filósofo contemporâneo faz uso das idéias de seu colega alemão do século XIX, e as acrescenta a uma outra formulação: a oposição entre o homem revoltado e o homem ressentido¹⁰⁴.

Para entendermos o que os opõem, e no que consistem essas duas condições, Camus procura suas origens e percebe a importância do sentimento de revolta neste processo. Isto porque a revolta surge a partir do confronto estabelecido entre os homens e uma determinada situação que espelha o absurdo. Diante do absurdo o homem se revolta, e não admite certas imposições:

“Uma tomada de consciência nasce no movimento de revolta: a percepção subitamente reveladora, de que há no homem algo com o qual pode identificar-se, mesmo que só por um tempo. Até então, esta identificação não era sentida”¹⁰⁵.

A partir do *não* o homem não será mais o mesmo. A consciência vem à tona com a revolta, e ele percebe que assume um outro lugar na sociedade em que vive. A revolta retira o homem do seu próprio, e solitário, universo, e o faz pertencer a algo que antes não existia,

¹⁰¹ Maria Rita KEHL. *O Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.p. 217. (grifo da autora)

¹⁰² Paul ZAWADZKI. *Op. Cit.* Pp. 371 – 402. (grifo do autor)

¹⁰³ É desta forma que o filósofo diz apresentar o conteúdo da *Genealogia da Moral*. Ver p. 8.

¹⁰⁴ Albert CAMUS. *O homem revoltado*. *Op. Cit.* p. 25.

¹⁰⁵ Idem, *Ibidem*. p. 26.

e que ele não reconhecia. Ele é capaz de fazer sacrifícios e até mesmo por em risco sua existência, pois percebe que em seus atos estão presentes elementos que pertencem a todos os homens.

Camus atribui o mesmo valor negativo para o ressentimento que aquele dado por Nietzsche. Na ação revoltada do homem está incluído algo que o transcende, o torna solidário e com isso lhe encontra uma razão pela qual vale a pena viver, ou até mesmo morrer. O ressentido não transforma o seu sentimento em um valor coletivo, e permanece imerso na sua solidão.

A diferença primordial entre os dois caminhos está no sentido afirmativo da revolta e no aspecto negativo do ressentimento. O ressentido é aquele que age, mas sempre de uma forma reativa, pois o seu sentimento apenas transforma-se em mais ressentimento. Camus cita Max Scheler para lembrar que o ressentimento funciona como uma:

“auto-intoxicação, a secreção nefasta, em vaso lacrado, de uma impotência prolongada. A revolta, ao contrário, fragmenta o ser e ajuda-o a transcender”¹⁰⁶.

“(…) O ressentimento é sempre ressentimento contra si mesmo. O revoltado, por outro lado, em seu primeiro movimento, recusa-se a deixar que toquem naquilo que ele é. Ele luta pela integridade de uma parte de seu ser. Não busca conquistar, mas impor”¹⁰⁷.

Vistos sob essa ótica os indivíduos que se dedicaram a combater o regime militar são homens de moral nobre e também homens revoltados, o que implica levar em consideração também neste processo as outras duas condições, dos homens ressentidos e de moral escrava.

No pensamento de Nietzsche está uma relação causa e efeito que não parece muito certa no caso estudado aqui. O ressentimento, para este filósofo, surge como uma conseqüência à perda; ele nasce e se desenvolve necessariamente. Mas o exílio não representou apenas uma perda, e para muitos foi um período de vitórias. Por mais que não seja a resposta necessária para a perda de uma luta política, também não significa que o ressentimento não esteve presente em suas experiências.

¹⁰⁶ Idem, Ibidem. p.30.

¹⁰⁷ Idem, Ibidem. p. 29.

Até um determinado momento o exílio não foi visto enquanto uma derrota, mas sim uma estratégia, um recuo tático para recuperar e articular forças para a luta que se mostrava cada vez mais difícil. A ida para o Chile caracteriza esse período. Maria Rita Kehl observa que nos regimes ditatoriais e totalitários, as repostas e ações a eles são postas de lado por um tempo, e aguardam o momento de ação. A autora pergunta, no entanto, se nesse recuo, que pode ser longo e demorado, o ressentimento não ganha espaço e acaba por dominar os pensamentos dos homens¹⁰⁸.

Se o Chile foi visto e reconhecido como um lugar para repensar as táticas de luta pelos militantes, para as crianças que moraram neste país recebe o atributo de lar, de segundo país. Os laços são até hoje muito fortes e dividem com o Chile suas nacionalidades:

“Acho que me identifico em muitas coisas mais com o Chile do que com o Brasil. Vivemos um momento muito bom lá, talvez por ter visto a vitória do Allende, por termos crescido e estudado lá eu sinto esse carinho pelo país. As vezes acho que sou brasileira e chilena, e um lado fala mais alto que o outro em certos momentos”¹⁰⁹.

PR voltou diversas vezes ao país em que morou por dez anos, e sempre que fala *Allende* pronuncia com o sotaque castelhano. A relação das crianças não era de um recuo tático, pois não atuavam politicamente, e muito menos de um exílio, pelo menos até o golpe de Pinochet. A partir deste episódio a situação mudou completamente, mas até então a maioria expressa o sentimento de uma viagem, de uma experiência familiar.

A situação vivida pelos militantes era muito diferente. A saída do Brasil e o encontro em terras estrangeiras desencadearam discussões sobre o compromisso com a causa política, e os verdadeiros motivos da estada no Chile por parte de alguns brasileiros. Denise Rollemberg aponta para a divisão da esquerda brasileira, que se anteriormente já possuía suas desavenças, no exílio elas eram ainda mais evidentes. Na primeira fase do exílio brasileiro¹¹⁰:

¹⁰⁸ Maria Rita KEHL. *Op. Cit.* p. 15.

¹⁰⁹ Entrevista de PR. *Loc. Cit.*

¹¹⁰ Sobre as distintas fases do exílio ver Capítulo 1.

“A euforia da liberdade conseguida por meio de uma ação revolucionária conviveu com as contradições que logo apareceram no grupo. As cobranças e os julgamentos de supostas fraquezas, na cadeia, revelavam o grau de arrogância e prepotência muito presente no exílio desta fase¹¹¹ (...) Uma espécie de hierarquia entre brasileiros tornou o início do exílio angustiante para muitos. ‘Acima’, quem saía por decisão da organização e os trocados em seqüestros, cujas vidas justificavam uma ação ousada e arriscada. ‘Abaixo’, ‘os desbundados’, acusados de abandonarem a luta, exilados ‘por decisão própria’. Os primeiros eram valorizados e legitimados, os segundo desprezados.”¹¹²

Esta hierarquia fez do processo de adaptação em terras estrangeiras mais penoso, marcado por uma discriminação e por situações humilhantes. Said destaca a possibilidade do ressentimento na experiência do exílio, a partir da *condição ciumenta* que ele desperta entre os exilados:

“o que você consegue é exatamente o que você não tem vontade de compartilhar, e é ao traçar linhas ao seu redor e ao redor de seus compatriotas que os aspectos menos atraentes do exílio emergem: um sentimento exagerado de solidariedade de grupos e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo, mesmo aqueles que podem, na verdade, estar na mesma posição que você. (...) Talvez esse seja o mais extraordinário dos destinos do exílio: ser exilados por exilados, reviver o processo de desenraizamento nas mãos de exilados”¹¹³.

Alguns exilados experimentaram o exílio no exílio, e sofreram uma dupla exclusão: a do país de origem e do grupo político do qual pertenciam. O ressentimento pode surgir neste momento de desunião e de acusações diante de seus iguais. Apesar de serem todos exilados, não eram reconhecidos como parte do mesmo grupo político. Denise Rollemberg destaca como as atividades feitas ao longo exílio tiveram um papel fundamental na reconstrução de identidades¹¹⁴. Os que estiveram inseridos nesses grupos remetem a eles uma enorme importância na adaptação e sobrevivência no exílio. Os que não puderam desfrutar desses encontros, e ficaram à margem deste processo, passaram pela experiência da solidão e do ressentimento.

Analisadas essas situações, podemos perceber que o sentimento de culpa crescia em alguns exilados e compunha a vivência do exílio. A culpa pode ser identificada de muitas maneiras. Motivava muitas vezes a militância por conta da posição social que ocupavam os militantes, havia culpa por não estar mais no Brasil e continuar a atuação política, culpa por

¹¹¹ Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* p. 97.

¹¹² Idem, *Ibidem.* p. 102.

¹¹³ Edward SAID. *Op. Cit.* p. 51.

¹¹⁴ Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* Ver Capítulo 2 e 7.

querer interromper a luta e cuidar de si e da família, até mesmo culpa por permanecerem vivos e livres enquanto outros estavam presos e eram torturados.

Para Nietzsche há uma estreita ligação entre o ressentimento e o sentimento de culpa. Pierre Ansart defende que o ressentimento segundo Nietzsche nasce nas sociedades ocidentais, a partir da formação do Estado e da Igreja. A criação do Estado, aliada ao desenvolvimento da religião cristã, transformou o homem, antes livre e nômade, em um ser civilizado eternamente culpado. De acordo com Ansart o ressentimento em Nietzsche estaria na base do igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas, e em uma palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais¹¹⁵. A religião enfraquece o homem forte, tenta transformá-lo em fraco, oprimido, submisso, e ele se convence que precisa agir em nome de uma divindade, e não mais para sua própria satisfação.

O homem segundo Nietzsche sente-se sempre em dívida com o passado, com seus antepassados, pois esses são considerados os responsáveis pela existência e pelo que desfrutaram os homens de hoje. Os seguintes devem fazer de tudo para estar a sua altura. A dívida é eterna, e a culpa cresce conforme os homens percebem que é praticamente impossível retribuir os atos do passado. Não bastam homenagens, sacrifícios, nunca será o bastante, porque quem pertence ao tempo já vivido permanece ao plano do divino, e nunca há elogios bastantes para os deuses¹¹⁶.

Maria Rita Kehl destaca que a dívida, que é decorrente da culpa, permanece impagável no ressentimento: a compensação reivindicada é da ordem de um ajuste de contas projetado no futuro. O ressentido arquiteta a sua vingança, mas a sua satisfação pode ser completa apenas pelo planejamento de suas idéias, mesmo sem realizar seus planos¹¹⁷.

A relação da memória com o ressentimento é estabelecida a partir do momento que o ressentido faz uso de suas memórias para constituir sua condição. Ele é aquele que não esquece, não ultrapassa e não enxerga adiante do que lhe fizeram, e do que ele sofreu. Acaba sempre no mesmo lugar. Rumina seus sentimentos e não consegue mais viver sem eles. Alimenta-se do seu ressentimento, e o alimenta com mais ressentimento.

¹¹⁵ Pierre ANSART. *Op. Cit.* p. 17.

¹¹⁶ Friedrich NIETZSCHE. *Op. Cit.* Pp. 77-78.

¹¹⁷ Cf. Maria Rita KEHL. *Op. Cit.* Pp. 91-92.

Nas entrevistas com os filhos de exilados o ressentimento não é expressivo. Suas memórias de exílio chamam atenção para a dor e a tristeza de certos momentos da experiência, mas não há em suas falas uma vontade de reparar o dano que lhes foi causado, de encontrar formas de vingar o que lhes impuseram, ou de vingar seus pais. Segundo suas interpretações seus pais apresentam em algumas ocasiões esses desejos, mas compreendem isso como uma conseqüência normal de alguém que foi torturado, preso e expulso do país. Entendem e procuram saber sobre o que passaram durante a ditadura, e acreditam que sofreram muitas injustiças. “*Roubaram vinte anos da vida do meu pai, da minha mãe também. Isso é muito difícil de superar*”¹¹⁸, diz FR. JC foi atingida diretamente pelo ressentimento de sua mãe quando quis entrar no movimento estudantil de sua escola:

“Ela estava muito marcada pela coisa toda. Tinha raiva do Brasil, falava com ódio sabe. Tinha muita mágoa. Nem entendi quando quis voltar para o Brasil, mas depois eu vi que no exílio ela não era feliz, e também não queria continuar expulsa do seu país. Era como se tivesse contas a acertar sabe. Acho que foi por isso que não quis deixar eu fazer parte da política. Tinha medo que eu passasse pela mesma decepção”¹¹⁹.

Como já foi exposto anteriormente o ressentimento pode ser identificado na experiência de exílio, mas ele não é a única resposta para essa vivência. Mesmo que esteja presente, ou que encontre um terreno fértil para crescer, há diferentes formas de lidar com esse sentimento. Os filhos de exilados que lidaram em alguns momentos com o ressentimento dos pais, não fizeram deste o retrato do exílio. Ao contrário, consideram a experiência que tiveram como positiva, apesar dos episódios mais marcantes, que geralmente envolvem situações de violência e de separação dos pais.

A derrota política contribui para o surgimento do ressentimento, e neste sentido os filhos estão em uma situação bem diferente dos pais. O exílio brasileiro foi longo e conturbado. Viver enquanto um exilado significava entre outras coisas entender que uma luta foi perdida, e que apesar dos brasileiros acreditarem que lutavam pela libertação do país e da população, na realidade uma minoria se identificava com suas causas. A compreensão deste aspecto pode ter sido um dos elementos mais duros do exílio.

Analisada de uma maneira mais superficial, a experiência das crianças não traz essa característica. Da convivência com os pais absorviam certos elementos que remetiam ao

¹¹⁸ Entrevista de FR. *Loc. Cit.*

¹¹⁹ Entrevista de JC. *Loc. Cit.*

sentido de derrota do exílio, mas ao mesmo tempo contribuía para um outro olhar em torno da experiência. Denise Rollemberg observa que em muitas situações os filhos lidavam de forma natural e espontânea com as situações mais graves e absurdas que uma criança poderia viver. Transformavam os ambientes tensos, e muitas vezes caóticos, em lugares mais humanos e agradáveis. Certas vezes, se compararmos as memórias dos filhos com as dos pais quando se referem ao mesmo episódio, elas remetem a interpretações bastante distintas. Enquanto nas memórias dos pais estão as marcas da violência, do medo, do terror, nas memórias dos filhos aparecem outros aspectos, como brincadeiras, jogos, amizades construídas¹²⁰.

Mesmo que a derrota política não seja uma característica marcante na experiência das crianças, ela compôs o exílio, e de uma certa forma os filhos de exilados não mantiveram uma relação distanciada com a repressão política. O medo da polícia, de bombas, e da tortura, recebem destaque como conseqüências das situações que vivenciaram. Eram reconhecidos como exilados, e passaram por episódios que muitas vezes nem seus pais militantes viveram, como foi o caso de DDR que foi preso e torturado no Chile, enquanto seu pai conseguiu asilo na embaixada do Panamá, e sua mãe se refugiou e um abrigo da ONU com seus irmãos. Ninguém da família havia sido preso ou torturado até então.

O envolvimento das crianças com a ditadura militar, mesmo sem a atuação política, pode ter desencadeado um processo que remete ao ressentimento. Seja através do exílio, da prisão, ou da tortura, a relação dos filhos de militantes com a repressão em algum momento deixou de acontecer indiretamente, e passou a ser bem direta e específica. Assim como DDR, Janaína Teles esteve presa e sofreu a violência da ditadura, no período que passou na *OBAN*. Diz ela que as marcas da tortura são levadas para o resto da vida, e procura hoje um meio de reparar o que lhe causaram:

“Eu achava que a sociedade me devia alguma coisa porque se não tivessem deixado o golpe acontecer eu não tinha sofrido isso (...) Quero vingar, quero punir e quero reparar a dor que me impuseram (...) Não tem ponto final!”¹²¹.

¹²⁰ Ver Denise ROLLEMBERG. *Op. Cit.* e também os exemplos do Capítulo 1 desta dissertação.

¹²¹ Filhos. Direção: Marta Nehring e Maria Oliveira. Vídeo (Hi-8). Duração: 20 minutos. São Paulo, 1996.

O desejo de vingança como podemos ver não está somente presente no universo dos pais. Os filhos têm uma relação bem particular com a ditadura, e deste vínculo, seja por conta do parentesco ou por uma situação vivida, o ressentimento pode surgir. A experiência de uma criança traz a sensação de uma situação sem escolha, uma imposição como expressa Janaína. Esteve inserida neste meio político sem nenhuma atuação, e, portanto sem escolha. O que não significa que para os adultos havia uma situação de múltiplas opções. É importante, contudo, ressaltar aqui a diferença entre uma experiência ocorrida por conta de uma decisão política e a mesma experiência vivida decorrente da decisão de outros. É neste sentido que pode ser identificada uma herança política, e investigada as causas dela.